

XX

**Um perfil de quem tenciona ter filhos em Portugal – evidência partir dos dados do Eurobarómetro 2006**

**Nome 1º autor: MACIEL, Andreia**

Doutoranda em Sociologia, Universidade de Évora/CIDEHUS, abfmaciel@fa.uevora.pt

**Nome 2º autor: MENDES, Maria Filomena**

Doutorada em Sociologia, Universidade de Évora/CIDEHUS, mmendes@uevora.pt

**Nome 3º autor: INFANTE, Paulo**

Doutorado em Matemática, Universidade de Évora/CIMA, pinfante@uevora.pt

**Sumário.**

Apesar da norma do ideal de dois filhos ainda ser predominante, no decurso dos últimos anos a sociedade portuguesa tem apresentado índices de fecundidade bem abaixo deste valor. Com o objetivo de definir um possível perfil dos indivíduos que ainda têm intenção de vir a ter filhos, construímos um modelo de regressão logística para avaliar o efeito de diferentes covariáveis, usando para tal os dados do Eurobarómetro 2006. Concluímos que são fatores potenciadores de possuir intenção de ter filhos, uma menor idade, o não pretender ter o mesmo número de filhos que os pais, ter um número ideal de filhos igual a dois, o pensar que nos dois anos seguintes a sua situação doméstica irá estar muito melhor, o não tender a concordar que uma criança no período pré-escolar é mais suscetível de sofrer porque a sua mãe trabalha e o facto de ter apenas um filho.

**Palavras-chave:** intenção, filhos, regressão logística.

**Revisão bibliográfica**

As baixas taxas de fecundidade têm, muitas vezes, sido encaradas como uma resposta racional às mudanças socioeconómicas, como as incertezas relativamente ao mercado de trabalho e os altos custos que a formação de uma nova família exigem (Billari e Kohler, 2002) resultando, em grande parte do aumento da idade média da entrada no matrimónio e na vida reprodutiva (Van de Kaa, 2002 e Oliveira, 2007), do aumento do custo dos filhos, bem como do alargamento do período de dependência em relação aos pais, ao mesmo tempo em que se verifica o declínio e a diluição das suas funções tradicionais (Frejka, 2008; Almeida et al, 1998). Segundo Frejka (2008), enquanto na década de 1920 se assistiu a uma afirmação da regra da família com dois filhos, a partir dos anos de 1950, passaram a verificar-se incipientes sinais da sua erosão, aumentando a proporção das famílias de dimensões reduzidas.

De acordo com Morgan e Rackin (2010) a pressão normativa acerca do ideal dos dois filhos resulta das pressões em duas direções opostas: de um lado sobressaem as preocupações sobre as consequências psicológicas de se conceber um filho único, e de outro considera-se que um grande número de filhos pode diluir os recursos essenciais para garantir a realização dos potenciais de cada criança. Neste âmbito, Cunha (2002) refere que muitas famílias acabam por desistir da descendência ideal, ficando muitas vezes pelo filho único como forma de lhes assegurar a sua mobilidade social. Na perspetiva de Ariès (1980:647), os filhos deixaram de ser a “variável” essencial da vida dos casais, para se “encaixar” como uma das várias componentes que tornam possível aos adultos florescerem como pessoas.

Na análise de Sobotka (2008), a baixa fecundidade na Europa assenta no adiamento da entrada na vida reprodutiva, aos múltiplos constrangimentos que influenciam negativamente as decisões dos indivíduos e em alguns casos, uma mudança na dimensão ideal da família. Como os estudos sobre o valor dos filhos continuam a apontar para uma descendência ideal de dois filhos (Goldstein, Lutz & Testa, 2003) e as taxas de fecundidade se apresentam, em muitos países, aquém desse limite, gerou-se uma expectativa sobre uma possível recuperação da fecundidade, especialmente entre as mulheres sem filhos (Frejka e Sobotka, 2008), aquando da remoção dos efeitos do adiamento da entrada na parentalidade.

Como sugeriu Billari e Kohler (2002), torna-se fundamental perceber se os nascimentos estão sendo apenas temporariamente adiados (e poderão ser recuperados futuramente) ou se estão sendo parcialmente renunciados. Para além disso, há ainda que se ter em linha de conta que as condições e planos individuais acerca das intenções de fecundidade e do ideal de família são conceitos dinâmicos, que podem sofrer reajustes ao longo do período reprodutivo.

### **Análise dos dados**

Considerando que o período reprodutivo feminino finda após os 49 anos de idade e que mesmo entre os homens são poucos os casos daqueles que têm filhos a partir desta idade, excluímos da amostra do Eurobarómetro 2006 para Portugal todos os indivíduos que tinham 50 anos ou mais. Após a exclusão de todos os casos com “não respostas” nas variáveis de interesse, a amostra considerada neste estudo foi constituída de 330 indivíduos de ambos os sexos.

Para encontrar o perfil do indivíduo que ainda tem intenção de ter filhos, ajustou-se um modelo de regressão logística (Tabela 1), cuja variável resposta foi definida como: 0 – não tem intenção de ter filhos; 1 – tem intenção de ter filhos. Foi feita uma avaliação dos pressupostos subjacentes ao modelo e uma análise de resíduos com verificação de *outliers* e de observações influentes.

Constatou-se o bom ajuste do modelo aos dados através do teste de Hosmer e Lemeshow ( $\chi^2_8 = 4,69$ ; valor  $p = 0,79$ ), tendo-se obtido um valor do  $R^2$  de Nagelkerque igual a 80%, o que é muito bom a nível de um modelo de regressão logística. Pudemos também concluir que o modelo final tem uma excepcional capacidade discriminativa (AUC = 0,97; IC95% = ]0,95; 0,98[) com uma sensibilidade de 92% e uma especificidade de 91% para um ponto de corte igual a 0,424.

Posteriormente, e porque a amostra é relativamente pequena ( $n=330$ ) para deixarmos de fora alguns indivíduos para validação posterior do modelo, optámos por realizar uma validação cruzada por *bootstrap*, onde foram ajustados modelos a 10 amostras aleatórias constituídas por 90% dos indivíduos da amostra original, registando-se os valores estimados por cada modelo para os 10% de indivíduos que ficaram de fora em cada modelo. Obteve-se um valor AUC igual a 0,95 (IC95% = ]0,92; 0,97[), que valida este modelo e traduz sua consistência.

**Tabela 1 – Coeficientes, desvios-padrão e valores p do modelo logístico ajustado**

Variável	Coeficiente	Desvios padrão	Valor p
Idade	-0,236	0,035	<0,001
Filhos tidos <sup>a</sup> (1)	-1,812	0,572	0,002
Filhos tidos (2)	-4,937	0,798	<0,001
Filhos tidos (3)	-4,627	1,019	<0,001
Ideal pessoal <sup>b</sup> (1)	2,220	0,679	0,001
Ideal pessoal (2)	4,814	0,936	<0,001
Filhos pais <sup>c</sup>	-1,467	0,830	0,077
Pressão de amigos <sup>d</sup>	1,564	0,777	0,044
Lar 2 anos <sup>e</sup> (1)	-1,319	0,774	0,088
Lar 2 anos (2)	-1,946	0,783	0,013
Filhos sofrem <sup>f</sup>	-1,094	0,452	0,016
Constante	9,214	1,534	<0,001

<sup>a</sup> Número de filhos tidos aparece no modelo final em 4 categorias: nenhum filho (referência); 1 filho; 2 filhos e; 3 filhos.

<sup>b</sup> A variável número ideal de filhos aparece no modelo final em 3 categorias: 0 ou 1 (referência); 2 filhos e; 3 ou mais filhos.

<sup>c</sup> Neste caso, a variável de referência foi não ter o mesmo número de filhos que os pais.

<sup>d</sup> Considerou-se como categoria de referência os indivíduos que **não** mencionaram que os amigos pensam que deveriam ter um (outro) filho, em oposição aos que responderam afirmativamente.

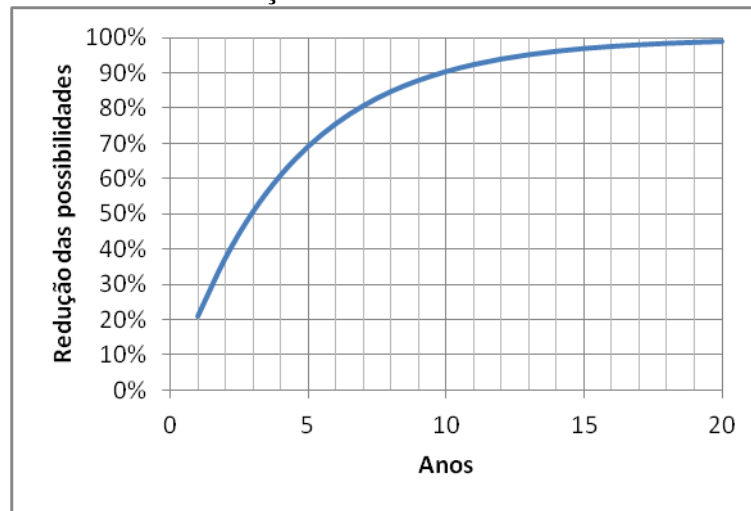
<sup>e</sup> O modelo final distinguiu 3 categorias: quem pensa que nos próximos 2 anos a sua situação estará muito melhor (referência); quem pensa que estará um pouco melhor (categoria 1) e; quem pensa que estará igual ou pouco pior (categoria 2).

<sup>f</sup> Neste caso houve distinção entre os que tendem a concordar que uma criança no período pré-escolar é mais suscetível de sofrer porque a mãe trabalha e as restantes (referência).

Admitindo fixas as restantes covariáveis retiramos as seguintes conclusões:

- Por cada ano de idade as possibilidades de tencionar ter filhos diminui 21% (IC<sub>95%</sub> OR=]15%; 26%[; a um aumento de 5 anos na idade, estas possibilidades reduzem-se a 2/3 (IC<sub>95%</sub> OR=]22%; 43%[; (Ver figura 1).

**Figura 1- Reduções das possibilidades de tencionar ter filhos, entre indivíduos, para valores de diferença de idades entre 1 e 20 anos**



- Uma pessoa que não mencionou ter o mesmo número de filhos que os pais, têm uma possibilidade 4 vezes superior de revelar a intenção de ter filhos (IC<sub>90%</sub> OR =]1,11; 17,02[);
- Uma pessoa que mencionou que a maioria dos seus amigos pensa que deveria ter um (outro) filho tem uma possibilidade quase 5 vezes superior de possuir a intenção de ter filhos (IC<sub>95%</sub> OR =]1,05; 21,96[);
- Para quem, a nível pessoal, acha que 2 é o número ideal de filhos a possibilidade de manifestar a intenção de vir a ter filhos aumenta 9 vezes relativamente aos que pensam que o número ideal de filhos deve ser 0 ou 1 (IC<sub>95%</sub> OR =]2,4; 34,8[); ainda relativamente a estes últimos, quem acha que o número ideal de filhos deve ser 3 ou mais tem uma possibilidade 124 vezes superior de apresentar a intenção de vir a ter filhos (IC<sub>95%</sub> OR =]19,8; 771,0[);
- Quem pensa que nos próximos 2 anos a sua situação doméstica estará muito melhor tem quase 4 vezes mais possibilidade de revelar a intenção de ter filhos relativamente a quem pensa que nos próximos 2 anos a sua situação doméstica estará apenas um pouco melhor (IC<sub>90%</sub> OR =]1,05; 13,35[) e tem 7 vezes mais possibilidades relativamente aos que pensam que em dois anos a respetiva situação doméstica estará igual ou pior (IC<sub>95%</sub> OR =]1,5; 32,5[);
- Quem tende a concordar que uma criança no período pré-escolar é mais suscetível de sofrer porque a sua mãe trabalha, tem menos possibilidades de demonstrar a intenção de ter filhos relativamente a quem tem uma opinião diferente; a possibilidade destes últimos aumenta 3 vezes (IC<sub>95%</sub> OR =]1,2; 7,2[);

- Quem ainda não teve filhos tem 6 vezes mais possibilidades de manifestar intenção de ainda ter filhos relativamente a quem teve 1 (IC<sub>95%</sub> OR =]2,0; 18,8[); tem 140 vezes mais possibilidades relativamente a quem teve 2 filhos (IC<sub>95%</sub> OR =]29,2; 665,8[); e tem 102 vezes mais possibilidades relativamente a quem teve 3 ou mais filhos (IC<sub>95%</sub> OR =]13,9; 754,01[).

O perfil mais provável de quem possui intenção de ter filhos em Portugal assenta essencialmente em ser jovem, com apenas um filho e um ideal de dois filhos, não pretendendo ter o mesmo número de filhos que os pais, ser otimista relativamente à melhoria da sua situação doméstica nos próximos dois anos e não tender a concordar que a criança, filha de mães que trabalham, é mais suscetível de sofrer no período pré-escolar.

### Referências bibliográficas

- Almeida, A. Nunes; Guerreiro, Maria das Dores; Lobo, Cristina, Torres, Anália e Wall, Karin (1998), “Relações Familiares: Mudança e Diversidade”. In J. Viegas e A. Costa (orgs.), *Portugal, que Modernidade?* Oeiras, Celta Editora.
- Billari, F. & Kohler, H.-P. (2002). Patterns of Lowest-low Fertility in Europe. Working Paper 2002-040. *Max Planck Institute for Demographic Research*.
- Cunha, V. (2002). O filho único na sociedade portuguesa contemporânea: descendência ideal ou descendência possível? Actas do Colóquio Internacional “Família, Género e Sexualidade nas Sociedades Contemporâneas” Lisboa, Associação Portuguesa de Sociologia.
- Frejka, T. (2008). Overview Chapter 2: Parity distribution and completed family size in Europe: Incipient decline of the two-child family model? *Demographic Research*, 19(1), 47-72
- Frejka, T. & Sobotka, T. (2008). Overview Chapter 1: Fertility in Europe: Diverse, delayed and below replacement. *Demographic Research*, 19(1), 15-46.
- Goldstein, J., Wolfgang L. & Testa M. R. (2003). “The emergence of sub-replacement family size ideals in Europe”. *Population Research and Policy Review*. 22 (5-6): 479-496.
- Hosmer, D. W.; Lemeshow, May, S. (2011). *Applied Survival Analysis*, Wiley Series.
- Oliveira, Isabel Tiago (2007). “Fecundidade e Educação”. *Revista de Estudos Demográficos*, nº 40, Lisboa, INE, p. 5-19.
- Morgan, S. Philip and RACKIN, Heather (2010). “The correspondence Between Fertility Intentions and Behavior in the United States”. *Popul Dev Rev*. 2010 March ; 36(1): 91–118.
- Sobotka, T. (2008). The diverse faces of the Second Demographic Transition in Europe. *Demographic Research*, July 2008, 19(8), 171-224.
- Van de Kaa, D.J. (2002). The idea of a Second Demographic Transition in industrialized countries. [Paper presented at the Sixth Welfare Policy Seminar of the National Institute of Population and Social Security]. Tokyo, Japan, 29 January 2002